

UM PARADIGMA PARA A LINGÜÍSTICA FUNCIONAL

Sebastião VOTRE¹

- **RESUMO:** Neste trabalho adoto uma versão moderada do funcionalismo lingüístico na qual aceito a autonomia parcial da sintaxe em relação aos componentes semânticos e pragmáticos da gramática. São enfatizadas a gramaticalização e a desgramaticalização dos itens lexicais e das construções.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Gramaticalização; variação lingüística; mudança; autonomia; gramática.

Introdução

Os estudos do uso da língua em situação real de comunicação, especialmente neste final de século, vêm dando ênfase peculiar ao usuário. Com efeito, o usuário da língua vem sendo concebido como criador, autor, ator, transformador das estruturas, dos itens e dos processos que se verificam nas línguas, e, enfim, como responsável pelos processos e formas da língua, em toda abordagem de uso em que se lhe aborde a estrutura e o funcionamento.

Esse foco de interesse recai, em última análise, nas propriedades cognitivas do usuário, em suas potencialidades e restrições, bem como na busca e/ou formulação de princípios gerais que conformam a produção e recepção lingüística, que mostram como a língua opera em situação de interação. Um dos princípios centrais da lingüística funcional de orientação em Talmy Givón (1993) é o princípio da iconicidade. Em ter-

¹ Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Instituto de Letras – Universidade Federal Fluminense – UFF – 24040-080 – Rio de Janeiro – RJ.

mos informais, esse princípio prevê motivação na relação entre forma e significado. Sua formulação clássica, no domínio da lingüística funcional, encontra-se na condição de preservação de Bolinger (1977, p.X): “the natural condition of a language is to preserve one form for one meaning, and one meaning for one form” [“a condição natural de uma língua é preservar uma forma para um significado, e um significado para uma forma”].

O foco deste texto é desdobrar alguns dos aspectos em que se estendeu e aprimorou, nas duas décadas que nos separam da formulação de Bolinger, o princípio da iconicidade, até sua inclusão no paradigma da gramaticalização, como uma das tendências teóricas da lingüística funcional contemporânea. Paradigma está tomado aqui em seu sentido elástico, como modelo em processo de reformulação e consolidação, que oferece pontos de referência para a reflexão teórica e para a pesquisa empírica.

Um paradigma na lingüística funcional

Tomemos o princípio da iconicidade como primeiro ponto de referência. Em sua acepção mais forte, esse princípio nos diz que tende a haver uma relação de motivação entre forma e significado, de modo que os humanos agem com correspondência entre forma e função em termos lingüísticos, embora nem sempre possamos identificar os traços dessa correspondência na produção de cada ato verbal. Isso implica que, por hipótese, nada se dá por acaso na língua. Razões de economia, eficiência e eficácia levam, naturalmente, os humanos a gramaticalizarem, regularizarem, sistematizarem suas ações verbais, operando com o menor número de signos e de princípios e regras de organização desses símbolos em mensagens.

Entretanto, uma análise cuidadosa dos itens do léxico ou das relações da sintaxe, em qualquer texto ou fragmento de texto, como por exemplo na palavra inicial deste parágrafo, mostra que nem tudo na língua é icônico. Pelo contrário, há partes em que é opaca e aparentemente arbitrária a relação entre forma e significado, no sentido de que se perdeu total ou parcialmente o significado original. É o que se vê no exemplo seguinte.

(1)*Entretanto, uma análise cuidadosa...*

Observe-se que *entretanto*, hoje, tem significado adversativo, de alguma forma opositivo, distante e completamente distinto (ao menos,

parcialmente oposto ao) de seu significado etimológico, de *no interior de algum espaço físico ou de algum espaço de tempo*. No curso de sua trajetória, perdeu-se a idéia neutra ou não-comprometida, em troca de uma idéia de envolvimento do emissor.

Polissemia e sinonímia

Este ensaio teria outro saber e outro sabor, outro tom, outro nível de verificabilidade, se pudéssemos observar o surgimento e desenvolvimento gramatical de uma língua numa comunidade humana. Dado que isso é impossível, porque todos os humanos, ao nascerem, já pertencem de alguma forma a uma comunidade lingüística, admitamos, por hipótese, que no campo da linguagem a ontogênese recapitula a filogênese: cada indivíduo, no processo de seu desenvolvimento, repete, de certo modo, a história do desenvolvimento da espécie humana. Assim, contentemo-nos com o que conseguimos observar, que já não é pouco. É verdade que não temos as evidências sobre como seria criar o sistema gramatical de uma língua a partir do nada. Entretanto, estamos em condições teóricas e metodológicas de dar conta do processo através do qual se forma e/ou se desenvolve a gramática de uma língua em condições especiais. No caso, estou referindo-me aos pidgins e sobretudo na sua passagem para crioulos, ao mesmo tempo que estendo essas observações para as línguas em geral.

Admitamos que num primeiro momento, num pidgin, a forma *a* denota o significado *a'*. Para dar conta do significado *a''*, estreitamente assemelhado a *a'*, os usuários desse pidgin utilizam-se da mesma forma *a*. Ora, nesse primeiro momento pode-se verificar oscilação, dúvida, insegurança sobre a qual dos dois significados a forma *a* se aplica. Essa fase de ambigüidade, entretanto, supera-se à medida que, via repetição, o significado fica mais transparente e se regulariza o novo uso.

Logo, os contextos dos dois estratos de sentido, ou dos dois usos tendem a ser distintos o suficiente, de modo a configurar polissemia diacrônica, construída no curso do tempo, com um ou vários traços em comum entre os dois usos, mas com diferenças contextuais suficientes para distingui-los. É o que se vê no Tok Pisin, língua resultante do pidgin de mesmo nome, de Papua/Nova Guiné, com a forma *bambai*, tomando como referência os estudos de Gillian Sankoff e Penelope Brown, na década de 1970. Essa forma *bambai* deslizou progressivamente do significado original de “daqui a pouco, pouco a pouco” (*he comes by and by*), para o significado gramatical irrealis, de morfema preso, como prefixo modo-temporal de futuro:

- (2) *bambai* > *bai*: *klostu **bai** i daí*
em breve **daqui a pouco** ele morre
"Ele vai morrer em breve".

Observe-se também que a forma *bambai* passou a *bai*, por um processo de redução fonológica, típica dos mecanismos de gramaticalização, e fixou progressivamente sua posição sintática.

Dado o quadro que acabo de esboçar, entende-se que o processo de deslizamento semântico, e que resulta no item polissêmico, é o caminho natural para dar conta de novos usos. Por outro lado, na teoria funcionalista aqui defendida, não há lugar para a sinonímia. Com efeito, a sinonímia é antifuncional, por ser antieconômica, estática (antievolucionista) e inverossímil. É o que se prova, à saciedade, na excelente coletânea de estudos de Dwight Bolinger (1977), na década de 1970, intitulada *Meaning and form*, e se representa a seguir para dois dos itens que ele estudou, *any* e *some*:

- (3) a. He accepts some
b. He doesn't accept any.

O autor mostra que o significado de *some* é distinto do de *any*, e prova que é impossível aceitar o conceito de **sinonímia**. Sua tese é que enquanto a polissemia é normal e produtiva, a sinonímia (se existe) é estranha e rara, "pela razão de que a mente é mais livre do que a língua" [sic].

Bolinger levanta algumas questões relacionadas ao significado, que são fundamentais na Linguística Funcional: a) como dar conta do que é a parte central da mensagem, em oposição à parte periférica? b) como nós nos situamos a nós mesmos no evento que reportamos?

Numa atitude aparentemente contraditória (por trabalhar com frases isoladas, no espírito dos anos 70), mostra que as diferenças de significado não podem ser previstas a partir da estrutura interna da sentença e dependem de relações discursivas. Envolvem repetição, apagamento, pronominalização, enfim todo e qualquer tipo de transformação. Assim, nos exemplos 4-6 seguintes, também de Bolinger, podem-se ver, claramente, nuanças de sentido associadas a cada um dos processos neles referidos.

- (4) - Why don't you go shopping with me?
- I'd like to
- I'd like to go shopping with you.

O exemplo 4 ilustra uma situação em que a forma reduzida, *I'd like to*, tem sentido distinto da desenvolvida, e é mais enfática do que aquela. Observe-se agora, em 5, que a forma *bought*, quando repetida, dá

idéia de excesso, enquanto a ausência da repetição não implica nenhum tipo de julgamento ou apreciação:

- (5) - She bought a red dress, a green one and a blue one
- She bought a red dress, she bought a green dress, and she bought a blue dress.

Por fim, Bolinger demonstrou que há uma diferença apreciável entre a construção com *he* e a construção sem *he*, no exemplo seguinte, estando implicada, no primeiro exemplo, a idéia de uma ação única, monolítica, em oposição a duas ações distintas no segundo.

- (6) - George came in the room and turned off the lights
- George came in the room and he turned off the lights.

Deslizamento metafórico e iconicidade

Inicialmente, cabe apresentar o conceito de metáfora no contexto lingüístico dos estudos de gramaticalização. Em termos gerais e não técnicos, metáfora tende a ser entendida como um processo de transferência semântica, em que usamos uma forma ou construção para representar um significado estreitamente relacionado com o significado a que, até então, a forma vinha sendo relacionada.

Segundo esse conceito, a linguagem usual é essencialmente metafórica, no sentido de que raramente, quase nunca se criam novas formas, mas novos significados surgem constantemente, estão sendo continuamente criados para as formas já disponíveis na língua. Na lingüística, o termo metáfora é empregado para dar conta de parte dos deslizamentos semânticos que resultam em uma série de conteúdos, estreitamente relacionados entre si, associados a uma mesma forma ou construção. Assim, o exemplo seguinte mostra novos usos, mais abstratos, associados aos usos originais das velhas formas *mão*, *roda* e *ferro*:

- (7) a. Teu sistema é uma *mão na roda* em minha firma.
- b. Ele dirige sua empresa com *mão de ferro*.

Mão na roda e *mão de ferro* representam dois casos de transferência metafórica bastante transparente, no sentido de que podemos prontamente recuperar a motivação da transferência e dar conta da comunicação indireta. Assim, interpretamos com relativa segurança a idéia de ajuda, em *mão na roda*, e de disciplina, em *mão de ferro*.

O segundo conceito que vale elucidar é o da motivação da metáfora. Por definição, toda metáfora é icônica até certo ponto, uma vez que está baseada num grau de semelhança, ou compartilhamento semântico entre o significado fundante e o significado derivado. As ocorrências de *bai*, no fragmento seguinte de Tok Pisin, mostram que seu significado deslizou progressivamente de *advérbio de tempo* para *futuro*:

- (8) ... nait, em i no inap kaikai,
... à noite ele não comeu,
a) em *bai* pilei long graun igo igo igo nait tru nau,
ele ia brincar na rua até meia noite,
b) *bai* em i laik slip,
até que ele estivesse para dormir,
c) *bai* em *bai* kaikai.
então ele ia comer.

Em a), temos o sentido de tempo durativo, pela combinação de *bai* com a repetição tripla do verbo: *igo igo igo*. Em b), temos a idéia de “até que”, embutida numa acepção de futuro no passado. Esta acepção aparece também em c), onde co-ocorre a idéia de ato posterior, que prenuncia futuro.

Os estudos desenvolvidos sob o paradigma da gramaticalização, ora em desenvolvimento e consolidação no seio da lingüística funcional, apresentam duas propostas de trajetória de significado, muito semelhantes em sua parte essencial. Ambas respeitam o princípio da iconicidade e postulam a unidirecionalidade da mudança, no sentido da abstratização progressiva do significado.

Uma proposta de trajetória de deslizamento do significado que vem-se firmando no grupo de estudos Discurso & Gramática, em funcionamento no Departamento de Lingüística da Faculdade de Letras da UFRJ, parte da formulação original de Closs-Traugott & Heine (1991). Segundo essa proposta, as formas associam-se a novos significados, progressivamente mais abstratos, partindo da noção de espaço, podendo passar ou não pela noção de tempo, e desembocando na categoria mais abstrata de texto, conforme se vê no esquema seguinte: espaço (tempo) texto/discurso. Sweetser (1991) propõe que as séries polissêmicas se formam pela incorporação progressiva de traços segundo a trajetória real experiencial discursiva. Podemos considerar a formulação de Sweetser como variante da proposta de Closs-Traugott. A trajetória espaço (tempo) texto permite entender como, por um processo de reanálise, o dêitico espacial *that* converte-se no conectivo *that*:

(9) I want *that*: you go home I want *that* you go home.

Esta proposta de origem espacial de significados temporais e discursivos vem tendendo a firmar-se como um universal de gramaticalização. Está presente em várias formulações teóricas sobre a organização da representação linguística, além do que se verifica nos estudos de gramaticalização. Um exemplo típico na gramática gerativa é a formulação de Jackendoff, que estabelece o espaço como ponto de partida para a derivação semântica.

Uma segunda proposta, um pouco mais radical, em termos da origem dos significados, e mais sofisticada em termos dos graus de gramaticalização, apresenta-se em Heine et al. (1991): pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualificação.

Aqui tudo provém do corpo da pessoa do falante, ou a ele se refere, e desse ponto de partida caminha, por sucessivos deslizamentos semânticos, até o nível mais abstrato de representação, que é o que faz qualificação, ou avaliação subjetiva. Observe-se que há estreito paralelismo entre as duas propostas. Entretanto, Heine parte do corpo humano como fonte natural de todo o processo metafórico e vê o próprio espaço como projeção da oposição dentro *versus* fora do corpo. Por outro lado, a idéia de *qualificação* de Heine está muito próxima da idéia de *texto* de Coss-Traugott. É nesse estágio que se representam as relações mais abstratas. Nessa proposta de Heine, os objetos são concebidos à imagem e semelhança do corpo humano, com *frente, costas, em cima, embaixo, direita, esquerda, braço, perna, pé*, como se vê nas metáforas (ou sinédoques) seguintes:

- (10) Apoiou o *pé* da cadeira numa pedra.
Está com uma *cabeça* de prego no joelho.
Apoiou as *costas* do sofá na *perna* da mesa.
Quebrou o *bico* da prancha contra um coral.

Motivos do deslizamento semântico

É controversa a literatura sobre os motivos ou as motivações do deslizamento semântico, na geração de novos significados, tanto para itens léxicos como para as construções sintáticas. Entre as motivações, citam-se normalmente a necessidade comunicativa, o impulso à criatividade e o acaso. A seguir, vou destacar e ilustrar aqui a transferência metafórica, pelo fato de esse processo ser um forte candidato a universal de

mudança semântica. O processo de transferência metafórica funda-se em algum tipo de semelhança entre o significado que já está associado a uma forma e um novo significado. Essa semelhança pode representar, em inúmeros aspectos, um vínculo entre os dois significados. A título exploratório, passo a listar alguns dos vínculos mais comuns entre o significado original e o novo significado, dele derivado:

- (11) - semelhança de cor: *deu um branco*
- semelhança de formato: *é um cara chato*
- semelhança de função: *é uma mão na roda*
- semelhança de matéria constituinte: *é um cara de pau*
- semelhança de som: *é uma diferença gritante*
- semelhança de combinação de diferentes aspectos mencionados: *tremeu na base.*

Os mecanismos de mudança por transferência metafórica atingem sobretudo as categorias lexicais maiores, que são os nomes e os verbos. Atuam com menor frequência nos adjetivos e nos advérbios (representados neste trabalho pela trajetória *meio/meia*). Aqui, vamos mostrar alguns exemplos de sua atuação nos nomes e nos verbos.

- (12) Nos nomes: *casa > casa de botão*
casa de marimbondo
casa da sogra.
- (13) Nos verbos: *amarelar > o milho amarelou*
o homem amarelou.

Há casos em que o vínculo entre os dois significados envolvidos é menos transparente, ou mesmo opaco para os não iniciados no subgrupo que cunhou os novos significados para a forma, como na expressão seguinte, envolvendo *desinfiltrado*:

- (14) O cara está desinfiltrado,

para dizer que alguém está desinchado, por ter parado de beber, por estar bebendo menos, ou por ter de alguma forma perdido líquido, ter emagrecido.

A perda da iconicidade na mudança e na variabilidade

Por hipótese, todo item ou construção que, num determinado estágio da mudança, é icônico e transparente na sua relação com o conteú-

do será ou tenderá a ser, um dia, opaco e aparentemente arbitrário em termos dessa mesma relação. Logo, prevê-se que, nos estágios finais da trajetória de mudança, os mecanismos de processamento serão mais automáticos e menos transparentes para cada item da língua. Aos processos verificados nesses estágios finais está sendo provisoriamente atribuído o rótulo *desgramaticalização*. Com o prefixo *des-* queremos indicar que os itens, simultaneamente com o empalidecimento do significado, perdem suas restrições de co-ocorrência, e nesse sentido escapam às restrições distribucionais que configuravam sua gramática. Passam a ocorrer em outros contextos que não aqueles que lhes eram originariamente previstos como regulares pelo sistema da língua. Ao mesmo tempo, passam a significar coisas mais genéricas, menos específicas, mais vagas. É o que se verifica no exemplo seguinte para a partícula *né*. Observe-se que, fora de sua acepção original, *né* não pede confirmação, nem qualquer tipo de assentimento do ouvinte, uma vez que a narrativa está apenas começando:

- (15) A minha narrativa é diferente, *né*, não é todo mundo que tem uma narrativa assim.

Também por hipótese, os sons e os gestos mais icônicos situam-se num ponto imaginário na linha do tempo em que, por uma espécie de equilíbrio instável, mantém-se regularidade e previsibilidade das restrições de ocorrência das formas e das relações que essas formas mantêm com seus significados. Donde se conclui que existe relação entre desgramaticalização e perda de iconicidade.

No percurso de consolidação do paradigma da gramaticalização, deparamos com várias propostas de princípios que visam captar as generalizações mais relevantes do ajuste formal e do deslizamento semântico. Nesse espírito foram formulados os princípios de Hopper (1991), tendo em vista o início dos processos de estabilização sintática e semântica das formas, de sua entrada na gramática. Estabilização relativa e aparente, uma vez que, nos termos de Hopper, ou a gramática não existe, ou está sempre emergindo. Nos nossos termos, parte da gramática está estável, parte está emergindo e parte está submergindo. A lista original de Hopper inclui estratos (*layers*), especialização, divergência e descategorização. Hopper & Closs-Traugott (1993) retomam os princípios e os aprofundam, ao tratarem da hipótese da unidirecionalidade da mudança, no sentido concreto > abstrato.

Dois dos princípios mais importantes para nós, aqui reformulados, são *estratos* e *descategorização*. Em relação ao conceito de *estratos*, em nossa leitura as formas e os significados fundantes e os derivados dis-

põem-se em estratos de recobrimento parcial, de complementaridade ou de competição, de modo que numa cadeia de formas consideradas variantes é possível estabelecer uma trajetória de derivação morfosintática, e numa cadeia polissêmica **sempre** é possível identificarem-se traços do significado imediatamente originador do *novo* significado. Nessa visão, *estrato* representa o lugar para a variação estável, para a variação instável e para os tipos de mudança que se encaixam no paradigma funcionalista da gramaticalização. Supõe o desenvolvimento de formas e de sentidos e a interação de uso e de estrutura linguística. A metáfora geológica dos estratos ou camadas de rocha permite-nos afirmar que diferentes formas de dizer coisas assemelhadas podem conviver, coexistir ou competir por períodos mais ou menos longos de tempo. Em alguns casos, os usos dessas formas variantes podem estar em relação de distribuição complementar fraca, como é o caso de *nós/a gente*, em que a forma mais recente parece ter alguns contextos em que ainda pode substituir a forma mais antiga, *nós*. Em outros casos, a forma mais antiga continua restrita a certos usos ou contextos mais formais e a forma mais recente restringe seu uso a certos contextos sociais e textuais mais informais, a exemplo de *cantarei/vou cantar*.

Descategorização responde pelos espaços ou interstícios entre as categorias, em que se encontram muitos itens em trânsito, sincréticos, em interseção, que já não mais pertencem a suas categorias-fonte, de origem, mas ainda não adquiriram todos os traços das categorias-alvo. Em nossa leitura, dá conta da natureza prototípica e não discreta das categorias gramaticais, e permite compreender que um item já *saiu* de uma categoria, mas *ainda não se incluiu completamente em nenhuma outra categoria*.

O item *meia*, no exemplo seguinte, ilustra bem nossa interpretação dos dois princípios, uma vez que está em distribuição complementar com *meio*, configurando um tipo de variação estável (registrada na língua desde a fase medieval), ainda mantém parte da idéia de partição, e está a meio caminho entre adjetivo e advérbio.

(16) Hoje ela está *meia* cansada.

A nova formulação dos princípios é mais abrangente, em termos do lapso de tempo coberto, e mais adequada à trajetória, em termos globais. Abre uma alternativa fecunda de intercâmbio entre linguística funcional e sociolinguística variacionista. *Estratos*, nessa nova proposta, contempla a idéia de persistência da forma e do sentido fundante e associa-se a sobreposição/aposição de forma e de sentido, de modo que pode haver casos em que duas ou mais variantes formais, bem como

dois ou mais significados estão apostos, mas um não guarda, rigorosamente falando, traços nítidos quer da forma, quer do significado-fonte. A forma ou o significado mais recentes podem guardar apenas uma leve associação não explícita com o original, sobretudo nos processos de erosão morfosintática e de desgramaticalização da forma, cujo significado se torna genérico, vago ou empaldecido.

Logo, na nova formulação, cobrimos simultaneamente os processos de gramaticalização e desgramaticalização. Nesse novo construto, a gramática está simultaneamente com alguns itens ou construções **emergindo**, icônicos, e outros itens ou construções **submergindo**, com diminuição ou perda total da iconicidade, donde resulta a aparência de relação arbitrária entre forma e conteúdo.

Gramaticalização e perda parcial de transparência

Uma expectativa de orientação sincrônica poderia aguardar que os processos de gramaticalização chegassem a um termo de transparência e estabilidade, e que esse estágio fosse duradouro. Nada mais falso. O movimento é contínuo e irreversível. Pode ser acelerado ou retardado, mas nunca reprimido, nem nunca dirigido.

Nesse viajar sem fim, que ele não sente, o usuário da língua envolve-se com um processo de mudança de cada item e/ou construção que atinge um ponto de equilíbrio e transparência na relação entre forma e significado. Por ser dinâmico, esse ponto está naturalmente em desgaste e modificação em ambos os seus componentes, isto é, na forma e no significado. É o que se observa com a forma *né*, originária de *não é verdade?*.

Desgramaticalização e perda total de transparência

A condição natural para qualquer item ou expressão da língua é o desgaste na forma e a transferência metafórica no significado, com conseqüente perda de transparência na relação entre essas duas faces do signo.

Os efeitos do uso na forma verificam-se por processos de erosão fonética, como desgaste ou enfraquecimento da sílaba tônica, redução fônica e eventual desaparecimento. No significado, conforme já frisava-

mos, os efeitos do uso verificam-se através dos processos de abstratização e genericização, com conseqüente desbotamento, indistinção progressiva e eventual esvaziamento semântico.

O efeito combinado desses dois processos é a impressão, sincrônica, de uma substancial parcela da língua comportando estruturas opacas, aparentemente arbitrárias, em termos da relação que as formas guardam com seus significados, quando efetivamente conseguimos atribuir-lhes algum. Veja-se, por exemplo, o que ocorre com *embora*, derivado de *em boa hora*. Em sua derivação, o item perdeu a conotação positiva e migrou para uma acepção oposta, de concessão.

Mecanismos de compensação

Já frisamos que para cada emparelhamento entre *forma* e *significado* podemos estabelecer pelo menos três momentos:

1) um momento de origem e consolidação progressiva do processo, com nova associação metafórica entre forma e significado. Esse processo comumente está associado com indefinição de forma e com tateamento no uso, donde surge a impressão de variação, com mais de um significado associado a uma só e mesma forma, como vimos com *bai*;

2) um momento de estabilização aparente, com gramaticalização regularizadora das relações entre forma e significado;

3) um momento de desgaste, com desgramaticalização das relações entre forma e significado, com liberdade progressiva da forma em termos de restrição de ocorrência, e com liberdade progressiva do significado em termos de empalidecimento e mesmo de esvaziamento semântico. Por convergência semântica, pode verificar-se a existência de mais de uma forma para, aparentemente, dar conta do mesmo significado.

No momento de estabilização verifica-se o nível de iconicidade máxima, com relação transparente entre forma e significado, representando-se assim o máximo de economia comunicativa, o máximo de rentabilidade sistemática.

Entretanto, a estabilidade é ilusória e, mesmo nos casos de ilusão, de duração extremamente breve (embora, no relógio das línguas, os eventos se meçam em unidades distintas do relógio da vida humana; as unidades contam-se em décadas, séculos e mesmo milênios).

Sabemos que tudo que se sistematiza envelhece. Esta é a tendência inevitável dos sistemas. Como resultado inexorável do envelhecimento, afrouxam-se e perdem-se as relações icônicas entre forma e significado.

Estamos admitindo por hipótese que os princípios e mecanismos aqui descritos se aplicam a todo e qualquer processo humano de comunicação, seja ele a língua áudio-oral, a língua dos sinais das comunidades de surdos, ou qualquer código articulado.

Vejamos o que se passa com a língua dos sinais. Admitimos, por força do paradigma que nos guia, que num primeiro momento são icônicas as relações entre forma e significado, em qualquer língua de sinais do mundo e, portanto, são universais.

Por que, então, as pessoas não-iniciadas nas línguas dos sinais de uma comunidade lingüística não entendem, imediata e prontamente, o que os surdos comunicam entre si? No máximo, como não-iniciados, conseguimos "ver" em certos gestos alguns traços que são mais dêiticos, mas mesmo esses traços se apresentam esmaecidos, enfraquecidos de suas arestas gestuais, como por exemplo os que identificam o falante e o ouvinte. Também esses sinais vêm-se tornando progressivamente menos transparentes, mais indiretos em seu poder de representação.

Há uma ilustração interessante da opacidade da língua dos sinais para os não-iniciados no filme *Rio selvagem*, em que mãe e filho, dominados e controlados por dois bandidos num bote, comunicam-se plenamente, à vista dos dois bandidos que os controlam, sem serem compreendidos, embora os bandidos percebam que algo está sendo transmitido, que eles não concebem captar. A mensagem, cifrada para os bandidos, e transparente da mãe para o filho, diz: "seu pai está vivo e vai nos salvar".

As línguas áudio-orais estão cheias de signos que, hoje, são opacos na relação entre forma e significado, mas um dia já foram transparentes nessa relação. Estamos falando de um fato digno de menção, que é a amnésia da gênese da linguagem, entre seus usuários (que, em sua instância última, desautoriza o princípio de persistência, de Paul Hopper). Com efeito, quem de nós relaciona, hoje, *entretanto* com *entre tanto espaço* > *entre tanto tempo*? Ou quem consegue, à primeira vista (à primeira audição), relacionar a forma *então* com *em um certo lugar (in tunc)*?

Há um mecanismo de balanço compensatório entre grau de iconicidade, ou transparência, e velocidade de processamento: quanto mais icônica, quanto mais transparente for a codificação, mais pesada será a manifestação formal da mensagem, com praticamente nada a ser inferi-

do, ou automatizado. Por outro lado, quanto menos transparente, mais automática será, e portanto mais veloz, mais econômica em termos de quantidade de matéria fônica a ser despendida na produção do significado.

O lugar dos sinais no processo de gramaticalização e de desgramaticalização

Embora sejam cinco as entradas sensoriais (visão, audição, gosto, tato e olfato), razões cognitivas e pragmáticas, de eficiência, economia e eficácia, levaram os humanos a especializar a audição (combinada com a visão) ou, no caso dos deficientes auditivos, a especializar a visão, como entradas perceptuais para o som e o gesto, respectivamente.

Assim, as saídas motoras correspondentes são as línguas oral-audiais e as línguas de sinais-visuais (estas comumente conhecidas como línguas dos sinais). Dado o quadro aqui esboçado, as línguas orais são não-marcadas, enquanto as línguas de sinais são marcadas, no sentido de serem menos freqüentes, mais complexas em termos visuais (e não no sentido de serem mais difíceis de processar?).

Nas línguas orais, codificadas para e em razão das especificidades auditivas dos interlocutores, os processos de gramaticalização e desgramaticalização de itens e de construções estão relativamente bem estabelecidos, e vêm-se investigando intensamente na tradição da lingüística histórica e, mais recentemente, no paradigma da gramaticalização. A literatura específica, conforme se vê nas referências de *Approaches to Grammaticalization*, organizada por Closs-Traugott e Heine em 1991, é variada e abundante.

Nas línguas de sinais, a exemplo de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), os estudos lingüísticos, ainda incipientes, abrem vasta área de investigação tanto em termos de pesquisa pura quanto em termos de intervenção. As áreas se referem:

a) aos mecanismos de emergência de novos signos, em que, por hipótese, atuam os mesmos processos de deslizamento metafórico, discutidos em (1), com as vicissitudes típicas de transferência, em que um significante passa a dar conta de novos significados, estreitamente associados ao(s) significado(s) já vinculado(s) a esse significante;

b) ao grau de iconicidade nos casos de gramaticalização em curso, bem como nos processos de desgramaticalização;

c) aos princípios que regem os processos gestuais de desgramatização: neutralização, arquigesto, fusão gestual, redução gestual e virtual desaparecimento do gestema.

VOTRE, S. A paradigm for the functional linguistics. *Alfa (São Paulo)*, v.41, n.esp., p.25-40, 1997.

- **ABSTRACT:** *In this paper I adopt a moderate version of the linguistic functionalism in which I accept the partial autonomy of syntax with respect to the semantic and the pragmatic components of grammar. I emphasize grammaticalization and degrammaticalization of lexical items and constructions.*
- **KEYWORDS:** *Grammaticalization; linguistic variation; change; autonomy; grammar.*

Referências bibliográficas

- BOLINGER, D. *Meaning and Form*. London: Longman, 1977.
- CLOSS-TRAUGOTT, E. Pragmatic strengthening and grammaticalization. ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 14, 1988, Berkeley. *Proceedings...* Berkeley, 1988.
- CLOSS-TRAUGOTT, E. HEINE, B. (Org.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.
- DUBOIS, S., VOTRE, S. *À procura da essência da linguagem*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. (Mimeogr.).
- GIVÓN, T. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- _____. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1984-1990. 2v.
- _____. *Functionalism and Grammar: a Prospectus*. Oregon, 1991. (Mimeogr.).
- _____. *Grammar of English: a Function-Based Introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1993.
- HEINE, B. et al. *Grammaticalization: a Conceptual Approach*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: CLOSS-TRAUGOTT, E., HEINE, B. (Org.) *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.
- HOPPER, P., CLOSS-TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

- SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- VINCENT, D., VOTRE, S., LAFOREST, M. Grammaticalisation et post-grammaticalisation. *Langues et Linguistique (Québec)*, Université Laval, n.19, 1993.
- VOTRE, S. *Linguística funcional: teoria e prática*. Québec: Université Laval, 1992.
- _____. Gramaticalização de achar. *CADERNO de Sociolinguística Aplicada (São Paulo)*, PUC, 1993.
- _____. A base cognitiva da gramática. CONFERÊNCIA PARA O CONCURSO DE PROFESSOR TITULAR DE LINGÜÍSTICA, 1994, Rio de Janeiro.
- VOTRE, S. et al. *Projeto integrado iconicidade na fala e na escrita*. Rio de Janeiro, 1992. (Mimeogr.).
- _____. *Projeto integrado iconicidade, cognição e gramaticalização*. Rio de Janeiro, 1994. (Mimeogr.).